

PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA: O DESAFIO DA DISPOSIÇÃO PARA A SERENIDADE NAS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO

Data de submissão: 27/08/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Sonia Nukui

Psicóloga, mestre pela Universidade Metodista, Coordenadora auxiliar do Curso de Psicologia da Universidade Paulista – UNIP/Sorocaba
<https://orcid.org/0009-0006-5330-3701>

Cybele Moretto

Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela PUC-CAMP, Professora Titular e Supervisora da Universidade Paulista – UNIP/Sorocaba
<https://orcid.org/0000-0001-6383-0878>

Luiz Felipe Martelini Müller dos Santos

Psicólogo formado pela UNIP-Sorocaba/SP
<https://orcid.org/0009-0003-5940-1124>

Luiz Gustavo da Silva Prado Pinheiro

Psicólogo formado pela UNIP-Sorocaba/SP
<https://orcid.org/0009-0000-1384-3347>

Uma dessas inovações foi o surgimento do Plantão Psicológico como modalidade de atendimento clínico, ofertado pelo Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) em 1969, e idealizado por Oswaldo de Barros Santos e Rachel Lea Rosenberg.

De acordo com Mahfoud (1987 apud Rebouças; Dutra, 2010) mediante a ausência de recursos públicos para a saúde e a imensa demora para o agendamento de atendimentos, ocasionaram-se imensas filas. É nesse contexto que surge o Plantão Psicológico visando oferecer atendimento para as pessoas que necessitavam de cuidados emergenciais. Tal prática, se iniciou tendo os seus atendimentos baseados sob viés da Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, que compreendia o homem como detentor de um organismo digno de confiança.

Assim foi se desvelando o sentido e a práxis do Plantão Psicológico que, diferentemente da psicoterapia tradicional da época, não visava o controle e

INTRODUÇÃO

Frente aos novos desafios do mundo contemporâneo a práxis da clínica tradicional precisou passar por inovações para dar conta dessa nova realidade social.

adaptação do sujeito, mas sim almejava oferecer a escuta e o acolhimento, bem como oferecer a disponibilidade de estar presente com o outro, atitude essa que demonstra cuidado. Ou, em outras palavras, de acordo com as considerações de Andrade (2008) no Plantão Psicológico nota-se uma superação da percepção tradicional que entendia o desenrolar de um atendimento dentro de uma temporalidade extensiva e cronológica para uma percepção marcada principalmente pelo campo das intensidades.

Corroborando com as ideias supracitadas Evangelista (2016, p.255) aponta que *“o Plantão Psicológico pode ser entendido como mais do que um serviço, como um acontecimento”* dentro do tempo kairós – termo grego que significa tempo decisivo e oportuno – e não mais cronológico marcado por uma substancialização da existência.

Certamente há de se considerar que o objetivo do Plantão Psicológico, em plena era da técnica, em que o ter se sobressai em relação ao ser, o homem acaba não tendo tempo e espaço para si, podendo então através do encontro que ocorre entre plantonista e paciente, tecer suas histórias e ser ouvido, possibilitando encontrar um novo sentido para elas. Conforme Braga e Custódio (2009) é através do espaço seguro ofertado pelo Plantão Psicológico que o sujeito pode falar e ser ouvido sem ser julgado, possibilitando assim a criação de um território de questões, reflexões e novas construções de sentidos.

Em Heidegger (1959) é apresentado como o homem se relaciona com o pensamento calculador e com o pensamento meditativo-reflexivo. Compreendemos que o pensamento calculador acaba por predominar nos tempos atuais, e o meditativo-reflexivo, por alguns momentos acaba sendo rejeitado, tendo o homem na atualidade se dirigido para cada vez mais longe de manter uma relação mais próxima consigo mesmo, bem como com as demais pessoas com as quais convivem.

No mundo da técnica o pensamento calculador mostra-se de grande serventia, o qual pode auxiliar a usar para o nosso melhor benefício os recursos advindos da natureza, no entanto este tipo de pensamento tem um caráter específico de servir para o avanço da ciência, já o meditativo-reflexivo é visto como algo que não está pautado em uma eficiência, mas que tem como propósito auxiliar o homem na busca por sentido e significado de sua existência.

Acreditamos que o perigo se encontra quando o pensamento calculador é posto a frente do ser do próprio homem e, conseqüentemente, podendo vir a causar certa objetificação na sua relação com o mundo e com todos os objetos que o compõem. Tendo isso em vista Heidegger propõe que façamos uso dos objetos técnicos, porém com cuidado não nos aprisionando a eles, fazer com que estes objetos residam em coisas que não ultrapassem o limite de nos servir, para não nos tornarmos cegos e dependentes ao mundo da técnica e aos seus objetos.

Desse modo, por todo o exposto, atestamos que a disposição para serenidade surge como um porto seguro, ofertando ao homem a possibilidade de habitar o mundo transitando de forma equilibrada entre o pensamento que calcula e o pensamento que medita e reflete.

Por todas as considerações realizadas até o momento não poderíamos deixar de recorrer às contribuições do poeta Fernando Texeira de Andrade, pois tais palavras desvelam exatamente o que compreendemos dessa prática psicológica- Plantão Psicológico sob o viés da serenidade, ouçamos o poeta:

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre a margem de nós mesmos.

APRESENTANDO UMA PRÁTICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATENDIMENTOS REALIZADOS

Evidencia-se que a prática psicológica denominada como Plantão Psicológico se transforma em cada instituição que a exerce, e foi através da experiência enquanto estagiários do último ano do curso de psicologia de uma universidade particular sob a supervisão clínica sob o viés da abordagem fenomenológico-existencial que se pretende expor no presente trabalho a importância da serenidade nos encontros que se mostraram únicos.

A perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial visa a escuta e o acolhimento como um espaço terapêutico que possibilita compreensões acerca de seu modo de ser e estar com outros, isentos de qualquer necessidade de explicações sobre os fenômenos compartilhados durante os encontros (Morato, 2006).

Ao considerar os atendimentos realizados com todas as questões existenciais apresentadas, tais como: luto não elaborado; relações abusivas e violentas dentro e fora da família; exploração vivenciada no trabalho; medo/pânico da finitude; ansiedade para dar conta das expectativas dos outros; preconceitos contra população LGBTQIA+; violência institucional contra a mulher; sentimento de abandono em relação aos pais/cuidadores; violência como meio de sobrevivência em um mundo hostil; pensamentos suicidas; constante busca pela produtividade de forma adoecedora; questionamentos sobre a forma de ser e de interagir com o mundo e com as outras pessoas, seguem algumas considerações.

As compreensões clínicas obtidas por meio das supervisões, bem como as compreensões realizadas por meio das pesquisas científicas evidenciaram o desafio de mantermos a disposição de serenidade que surgiu no decorrer do estágio não somente por entrar em contato com as questões existenciais dos pacientes nos encontros, mas também por nos encontrarmos no último ano da faculdade cheio de expectativas e ideais que criamos ao longo do curso. Ou seja, estávamos imersos pelo pensamento calculador.

Serenidade de acordo com o dicionário significa: “Característica da pessoa serena, tranquila, de quem age com calma diante de situações complicadas, perigosas, traumáticas; mansidão, placidez.” (Dicio, 2024, online). Observa-se então que a serenidade é a predisposição que o plantonista deve apresentar durante o encontro com o outro, para

tanto é necessário que o profissional/estagiário psicólogo também saiba esperar.

Podemos apontar que realizamos atendimentos/encontros terapêuticos pautados pela disposição de Serenidade sob uma perspectiva fenomenológico-existencial. Portanto, fomos convidados a estarmos abertos a quaisquer coisas que vinham aos nossos encontros, sem querer classificá-las ou explicá-las, abrindo espaços para atenções livres de quaisquer violências subjetivas.

Há de se considerar que esses posicionamentos se revelaram em nosso fazer clínico, pautados em sua principal ferramenta, promissora de um campo de transformações, afetos e ressignificações - o diálogo - que por sua vez, caracterizou-se por suas duas principais ferramentas; a fala e a escuta. Diálogo, fala e escuta longe de seu mero significado, passaram para seu significado pleno, que se caracterizou por toda presença de sentimentos, emoções e afetos em torno de um mundo repleto de significados. Portanto, a narrativa se mostrava essencial no tecer dessas vivências.

Vale ressaltar, em consonância com Bilbao (2013), que o discurso é uma narrativa, portanto ele está sempre carregado de sentidos e significados, ou seja, quando o paciente narra também (re)vivencia aquela situação verbalizada e mostra ao estagiário terapeuta seus paradigmas de vida, sua forma de enxergar o mundo. Se narrar é recordar os significados e sentidos, então pode ser também um momento de ressignificações.

Desse modo, as falas de nossos pacientes deixavam de ser falas corriqueiras, de serem falas do cotidiano, nutridas pelo impessoal e se apresentavam enquanto falas poéticas, que por suas vezes, apresentavam-se disponíveis para uma escuta daquilo que não estava totalmente desvelado, possibilitando os descobrimentos e recriações de novos modos de serem-no- mundo.

Assim, por meio das escutas atentas e do nosso disponibilizar-se, que os nossos clientes puderam sentir-se ouvidos, e puderam ouvir-se a si mesmos, e esse poder ouvir, possibilitou que eles se apropriassem do que eram deles e assumissem suas responsabilidades com os cuidados de suas próprias existências. Abaixo apresentamos alguns recortes dos casos clínicos atendidos.

Um adolescente veio em busca do atendimento por estar com dificuldades em compreender a si mesmo e se angustiando ao lidar com as expectativas dos outros. Diante de tais questões o poder disponibilizar um espaço no qual ele pudesse falar sobre todas as questões que permeavam sua existência, se mostrou de grande importância, pois ao longo das sessões sua visão sobre si se mostrou completamente diferente da qual ele tinha apresentado na primeira sessão. Após ter a oportunidade de se debruçar sobre suas questões, por meio da fala ele pode articular melhor sobre sua forma de ser que faria mais sentido para ele naquele momento.

O Sr°. D procurou o plantão e explicou que estava acima do peso que o levou a desenvolver intensa preocupação sobre sua finitude, manifestando, inclusive, sintomas de ansiedade. Durante os encontros que se seguiram o paciente foi narrando como era sua

forma de habitar o mundo e, em conjunto com o estagiário plantonista, foi evidenciado o quanto ele se assemelhava ao falecido pai, nesse momento explicou que o patriarca morreu aos 47 anos e que ele mesmo – o próprio paciente – já estava com 45 anos, portanto próximo da idade da morte do pai. Essa aproximação temporal entre as partes suscitou novas recordações e percepções no paciente, e ele começou a chorar e a falar mais intensamente sobre o pai, contando o quanto que não pôde vivenciar o luto por ter se feito o único responsável para lidar com os sofrimentos dos outros (acolher irmãos e mãe) e questões físicas da morte (velório, patrimônio etc.), mas que na sessão pôde reviver e dar início a uma ressignificação do vivido abrindo espaço para elaborar o luto.

Em outro atendimento que ocorreu em uma única sessão um paciente (46 anos) procurou atendimento por ter sentido que suas crises de ansiedade haviam se intensificado há algum tempo. Diante do espaço seguro ofertado pelo *setting* terapêutico o paciente relatou que experienciava episódios de depressão e ansiedade há 7 (sete) anos e fazia uso de medicamentos, inclusive, explicou que teve que parar de tomar as medicações novas receitadas pelo médico psiquiatra, pois estava passando mal. Somente ao final da sessão o estagiário terapeuta pesquisou sobre as medicações e verificou que os dois remédios receitados não poderiam ser usados em conjunto, no entanto nunca teve a chance de orientar o paciente para levar tal questão para o seu psiquiatra. Há 7 (sete) anos também teve início o histórico de perdas consecutivas, o paciente perdeu pai em decorrência de um câncer em estágio avançado, uma tia, a avó e um de seus amados cachorros, bem como a separação do companheiro. Todavia, o paciente já havia vivenciado desde muito cedo – aos 10 (dez) anos – o luto, sua mãe faleceu em decorrência de um AVE (acidente vascular encefálico), além da perda da infância uma vez que teve que cuidar de seus irmãos mais novos. Além disso, explicou que quando tinha 7 anos expôs para a família que era homoafetivo.

Relembrando esse caso compreende-se que devia ter sido mais bem explorado sobre como foi essa exposição para a família, assim como ter dado maior importância para o número 7 (sete) que tanto se repetiu em sua vida. Talvez a sessão única tenha auxiliado ele a se sentir melhor, talvez tenha dado continuidade em sessões com outro estagiário, talvez tenha trocado a medicação, muitas possibilidades se fazem possíveis, contudo, a serenidade se fez e se faz imprescindível não só durante a sessão como também após ela: serenidade para lidar com o que fica após o término do encontro.

Outro recorte de um caso clínico atendido se revelou por meio do compartilhar da Sra. F. evidenciou-se que sua vida era voltada para as tarefas domésticas e para ajudar a sua família, durante o dia ela fazia todas as tarefas de sua própria casa e ainda arrumava a casa de uma de suas filhas, já na parte da noite ela ajudava uma outra filha com sua loja de açaí, estando sempre trabalhando e ajudando aos outros, sem tempo para cuidar de suas questões existenciais. Ao explorar um pouco mais a queixa foi visto que previamente ela trabalhava como enfermeira, e que tinha decidido se afastar de sua função por conta

da carga extremamente cansativa de sua rotina no trabalho, chegando a ter episódios em que sua pressão caía e acabava se sentindo mal por conta de sua rotina. No entanto se ausentar do trabalho não se mostrou a solução de seus problemas, já que mesmo estando fora do trabalho ainda assim estava sofrendo com uma rotina extremamente cansativa, se aproximando do estado que ela se encontrava enquanto trabalhava.

Ao considerar o recorte acima compreende-se que o plantonista possibilitou que uma clareira surgisse quando ele ajudou a paciente a compreender em seu discurso, e em sua história de vida como certas atitudes estavam contribuindo para o seu adoecimento e, portanto, ao utilizarem-se do pensamento meditativo-reflexivo outras maneiras de existir menos prejudiciais e mais saudáveis puderam ser contempladas. Também é importante levar em conta como aquele espaço do Plantão Psicológico é um dos poucos momentos em que o paciente está buscando um cuidado para si, esse é um momento delicado, pois é naquele lugar onde certas questões serão encaradas, e entender como elas estão sendo prejudiciais não se trata de um processo simples, já que uma mudança demanda muito de nós e do nosso interagir com os outros, por vezes será mais “confortável” se manter naquela mesma posição, pois a atitude de mudar certas estruturas relacionais com os outros e com nós mesmos, pode soar ainda mais ameaçador.

Indubitavelmente por meio dessas trocas que são muito mais que apenas “ouvir e falar” acontece uma relação de confiança que se se faz sustentada por uma interpretação compreensiva. A fala autêntica e a escuta atenta provocam as afetações, e nesse campo surge à possibilidade da compreensão de si, que permite o pensar a própria vida, a própria existência, eis o pensamento meditativo-reflexivo.

De acordo com Critelli (2012), o ato reflexivo, o desvelamento e desnaturalização do cotidiano, pode abrir espaço para encontrar a essência humana, ou seja, aquilo que há de mais genuíno no ato humano. Dessa forma a autora diferencia os tipos de pensar: **a) pensar como pensamento** está relacionado ao ato do desvelamento, da reflexão em busca de uma essência e que nada tem de interesse prático em seu processo; **b) pensar como conhecimento**, se caracteriza por sua racionalidade, visa em seu processo de conhecer a realidade que nos cerca e estabelecer verdades objetivas e duráveis; **c) pensar como compreensão**, se assemelha ao pensamento, entretanto está voltado para a resolução de um problema pertinente ao cotidiano, contextualiza o pensamento para que auxilie em uma determinada situação.

Portanto, observa-se que a hermenêutica da práxis do Plantão Psicológico só acontece diante da disponibilidade tanto do plantonista quanto do sujeito em sofrimento de serem capazes de pensar compreensivamente a respeito da existência humana. E, assim compreendemos que pensar a própria existência possibilita o rompimento daquilo que está por detrás dos escudos que criamos, e que se tornam invisíveis ao longo do tempo impedindo que sejamos os nós mesmos, o eu-próprio, singular.

Estivemos abertos diante daquilo que se apresentou, e essa abertura, esse contato

que vivenciamos durante os atendimentos, bem como durante as supervisões clínicas nos tocaram profundamente. E nos fizeram compreender que, quando envolvidos nessa relação, somos afetados pelas palavras, pelos pensamentos, e pelas tonalidades dos sentimentos que nos permitem ser mais abertos ao processo de mudança. Ou, em outras palavras, nos possibilita almejar, desejar e nutrir-se de esperança por algo inovador.

As considerações expostas acima apresentam-se em consonância com ideia de Angerami (2015, apud Nukui, 2015) ao apontar que a origem da palavra esperança é esperar algo, assim esperança se relaciona com uma força que não se vê, mas se sente e faz mover para frente, ou seja, a esperança faz o sujeito aguardar/acreditar num novo momento de paz, harmonia, de menos sofrimento. E a esperança nos acompanhou em cada atendimento realizado, tornando-se nossa aliada nesse caminho de construção via Plantão Psicológico

Compreendemos que há também de se relacionar a esperança não apenas com o esperar, mas também com o fazer acontecer como sabiamente exposto por Freire (1992):

Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (FREIRE, 1992, n.p.)

A práxis do plantonista deve estar sobre a égide da serenidade, do esperar e do esperar. Durante o encontro, o plantonista deve saber esperar o período de narrativa do paciente, bem como aguardar e abrigar serenamente não só o discurso como também as emoções/sentimentos – muitas vezes intensos – expressos pelo sujeito em sofrimento. E, diante desse encontro, a plantonista oferta um esperar, uma possibilidade de o devir de um novo habitar no mundo, através do encontro o próprio paciente já está exercendo seu esperar, já está imbuído de uma força que o move para fazer algo a respeito de suas questões existenciais.

Dessa forma, notamos a imprescindibilidade de trabalhar primeiramente estas questões afastando-nos daquilo que é nosso para poder habitar o mundo do outro tal como é, acolhendo o seu sofrimento emergencial que nos é apresentado. Para tanto, buscamos dar um passo atrás da escuta e acolhimento compreendendo que estes são melhor desempenhados quando deixamos daquilo que é nosso para imergir no mundo deste que está diante de nós, atitude essa aqui entendida como a **disposição de serenidade**, que se relaciona com o exposto por Heidegger (1995 apud Evangelista, 2016, p 224) nessa nova conduta do estagiário/psicólogo/plantonista, somos uma: “Testemunha fenomenológica existencial, zelando para que o acontecer histórico-biográfico do outro possa aparecer tal como é”.

O plantonista se dispõe naquele momento para o outro que busca por ajuda em um momento delicado de sua vida, onde aquela demanda psicológica tão emergente se transborda e é naquele espaço de acolhimento e escuta daquele que procura que então

estas mesmas questões irão poder se desaguar e ser mais bem enxergadas por um terceiro e até por si próprio.

A Serenidade se faz essencial por parte do plantonista, pois é apenas junto daquele que buscou pelo atendimento que os significados do fenômeno em questão irão surgir, para isso é preciso aguardar para que aquilo que estiver obscurecido por outras coisas possa surgir de forma livre, espontânea e não direcionada para qualquer objeto.

E se não respeitarmos este processo, acabaremos por atropelar toda e qualquer oportunidade de o sujeito elaborar e ressignificar seu sofrimento utilizando de seus próprios recursos, o que não auxilia na melhora da questão em si, apenas se trata de uma forma de o profissional que está ali envolvido na relação terapêutica poder se livrar da sua angústia causada pela necessidade de oferecer uma resposta rápida para as questões que se apresentam. Se o psicólogo não estiver atento a essa atitude e não se guiar pela disposição de Serenidade certamente eliminará qualquer chance de o paciente exercer o pensamento meditativo-reflexivo.

Outro ponto importante sobre a disposição de serenidade no modelo do Plantão é de que as sessões em sua grande parte não possuem um objetivo em si e não há uma prévia sobre os casos que chegarão para as sessões, sendo assim, é preciso ter serenidade sobre nossos próprios sentimentos e angústias sobre as incertezas que surgem em tal modalidade, sendo abertura para receber de modo sem julgar ou se adiantar aquilo que vem ao encontro. O modo de ser abertura, tem relação com o estar pronto para o que vier, mas buscando se afastar da atitude natural, algo quase que automático para nós, ainda mais quando levamos em consideração a era da técnica na qual vivemos, onde os resultados e conclusões são mais desejados do que o processo em si.

Nas obras de Heidegger é discorrido como a existência humana é caracterizada pela tendência para o autoesquecimento e para a auto-objetivação. Usamos como compreensão de nós mesmos a mesma descrição e explicação que usamos para objetos e eventos intramundanos, assim objetificando e coisificando nossa subjetividade. Zahavi (2019) traz como a investigação fenomenológica é marcada por uma certa violência, pois é necessário realizar um desentranhamento de nosso ser, havendo uma confrontação com a nossa compreensão natural, que é guiada pela cotidianidade e afastada da apropriação e responsabilização de nosso ser. O movimento da *epoché* auxilia na quebra desta automaticidade.

Dentro do método fenomenológico se faz uso da *epoché*, suspender ou neutralizar um determinado posicionamento em relação ao mundo, dirigindo o olhar para o fenômeno em si, a coisa como ela mesma. Somente por meio dessa suspensão é que o ser do mundo se mostra acessível. E, indubitavelmente acontece a disposição de serenidade tão aclamada nesse trabalho.

Ainda de acordo com as considerações de Zahavi (2019) é indispensável suspender nossa concordância com o posicionamento natural, o que não significa expurgá-lo, o

que não seria possível, já que somente a suspensão já demanda de certas preparações metodológicas, expurgar algo tão cotidiano de nossas vidas seria uma tarefa impossível, no entanto é preciso estar atento a estas questões.

Este exercício surge como uma maneira de acessar o sentido das coisas; a atitude corriqueira não dá espaço para essa consciência. Portanto, o método fenomenológico se configura enquanto um convite para uma mudança de atitude, entendendo que as coisas são fenômenos e que esses fenômenos estão em relação conosco e com o mundo. Sendo assim poderemos perceber o mundo e seus objetos de uma maneira nova e surpreendente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenrolar das vivências que nos atravessaram durante os atendimentos psicológicos realizados na modalidade do Plantão Psicológico várias questões foram se desvelando. Portanto, íamos nos certificando que o pensamento calculador se mostrava fortemente enraizado, de forma que éramos cobrados a mostrar caminhos, a mostrar soluções e, principalmente, a elaborar diagnósticos. É importante frisar como essas cobranças são advindas de diversos pontos, certas vezes podendo ser do paciente, de forma direta ou indireta, mas em grande parte, sendo proveniente do próprio plantonista, que principalmente se tratando de um estágio que se aproxima do final de sua trajetória de formação, a pressão de saber se estará realmente pronto para o dia a dia da sua prática profissional após o término da graduação traz angústias e inquietações sobre si mesmo.

À medida que as supervisões clínicas aconteciam certamente nos clareava o desejo e o compromisso de poder auxiliar os pacientes a lançarem mão de recursos fundamentados no pensamento meditativo-reflexivo, pois a intenção era ajudá-los a se relacionarem consigo mesmos, bem como com todas as outras questões que os atravessavam de forma mais tranquila e saudável. Fomos trilhando um caminho que exigiu o tempo da espera, da contemplação e indubitavelmente da serenidade.

Pode-se apontar que os pacientes demonstravam desejos de serem ouvidos a respeito de suas trajetórias existenciais. Desse modo, as narrativas se mostraram angustiantes e solicitavam soluções mágicas para os problemas existenciais. Nesse tecer de experiências se quebravam as expectativas dos plantonistas, pois o que chegava era sempre algo que não se imaginava, por vezes um silêncio em lágrimas dolorosas e marcantes, por vezes uma fala interrompida e agonizante ou ainda, uma fala sem coesão ou um desarranjo de nexos.

A experiência vivida nos convida a refletir que a prática psicológica Plantão Psicológico por meio do acolhimento e da escuta diferenciada que foram oferecidas puderam proporcionar o desvelamento de outros sentidos e outras possibilidades.

Por fim, o resultado dessa experiência foi conceder aos pacientes o direito de serem ouvidos sem juízo de valores, sem preconceitos, permitindo a abertura de novas

possibilidades dentro da historiobiografia de cada um, e também uma experiência única para o plantonista, que também é um psicólogo em formação que tem a oportunidade de ajudar e participar dos diferentes processos de cada um que busca pelo Plantão Psicológico. Portanto, concluímos que esta experiência serviu como promoção de saúde ao oferecer a escuta e o acolhimento a todos que procuraram o atendimento psicológico. Ou em outras palavras, referenciando Clarice Lispector (1998, n.p.) “*A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano.*”

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. N. **Atenção psicológica e agoridade**. VIII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição. São Paulo, USP, 2008.

BRAGA, T.B.M.; CUSTÓDIO, E.M. O sentido da prática clínica para uma clínica do sentido: A formação no contexto Psicológico em Instituições. In: MORATO, H. T. P.; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. (Coord.) **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009 pg 101-118.

CRITELLI, D. M. **História pessoal e sentido da vida**: historio biografia. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2012,

DICIO, Dicionário Online de Português. **Significado de Serenidade**. 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/serenidade/>. Acesso em: 19 jul. 2024.

EVANGELISTA, P. **Psicologia fenomenológica existencial – A Prática psicológica à luz de Heidegger**. Curitiba: Juruá, 2016

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Tradução de Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 1959

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MORATO, H. T. P. Pedido, queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer poder ou precisar? VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição – Psicologia e Políticas Públicas. Vitória: UFES, 2006.

NOBRE, Jaderson Gonçalves. **Serenidade em Heidegger: UM DIÁLOGO ENTRE A TÉCNICA E A ARTE**. 2015.

NUKUI, S. M. M. O. Encontros terapêuticos na proposta do plantão psicológico sob a perspectiva fenomenológico-existencial. In: Angerami, Valdemar Augusto. (Org.). **Psicoterapia Fenomenológico-Existencial**. Belo Horizonte: Artesã Editora. LTDA, 2017, v., p. 07-420.

REBOUÇAS, M.S.S; DUTRA, E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Rev. Abordagem Gestalt**. Vol.16 nº1, Goiânia, jun, 2010

ZAHAVI, Dan. **Fenomenologia para iniciantes**. Tradução: Marco Antonio Casanova. 1 ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.